

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL  
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

**JOCEILMA FERREIRA DANTAS**

**AS IDENTIDADES FEMININAS EM *TABULEIRO DE RIMAS*, DE JOSÉ  
BEZERRA DE ASSIS**

**PATU  
2016**

**JOCEILMA FERREIRA DANTAS**

**AS IDENTIDADES FEMININAS EM *TABULEIRO DE RIMAS*, DE JOSÉ  
BEZERRA DE ASSIS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras. Sob orientação da Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes.

PATU  
2016

JOCEILMA FERREIRA DANTAS

**AS IDENTIDADES FEMININAS EM *TABULEIRO DE RIMAS*, DE JOSÉ  
BEZERRA DE ASSIS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras, sob orientação da Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes.  
Orientadora

---

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva  
1º Examinador

---

Profa. Dnda. Antonia Suely da Silva Gomes Timóteo  
2º Examinador

PATU  
2016

## AGRADECIMENTOS

De início, gostaria de agradecer a Deus, por ter me proporcionado a oportunidade, não acreditava ser possível por mim, de ingressar nesse curso que muito foi engrandecedor, não só na área profissional, mas também na área pessoal. Mas, como tenho um Deus que vela para comigo, permitiu-me esta realização

Quero também agradecer ao meu esposo Eliosvaldo, que esteve ao meu lado sempre que precisei, me apoiando e me incentivando a lutar por meus sonhos. Também, aos meus dois filhos, Jhonny e Joabe, pelas orações, que por Deus foram ouvidas. Vocês são meus maiores tesouros nessa vida.

Agradeço a minha tão amada mãe, que mesmo com tantos obstáculos soube, como ninguém me educar, sendo para mim não só a mãe, mas o pai que precisei. Também aos meus irmãos de sangue e de fé, com especificidade, Daniel Godeiro.

Tenho uma imensa e inenarrável gratidão por meus professores do Curso de Letras do CAP-UERN, em especial a minha maravilhosa orientadora, Larissa Viana, alguém que tive um grande contato e posso considerá-la como uma filha. Obrigada por cada orientação valiosíssima para a construção deste trabalho e também pela preocupação e palavras de incentivos. Tenho uma profunda admiração e gratidão por nosso professor, Ananias Agostinho, agradeço por acreditar em mim quando muito eu não acreditava, por cada positividade que me passou com seu jeito rígido, todavia divertido. Obrigada, “sujeito”. À minha professora Suely Timóteo, agradeço por cada aprendizado, que foram muitos, pelo carinho e confiança depositados em mim. Não poderia esquecer da professora Silvânia, pelo carinho e apoio. Enfim, a todos os demais professores que contribuíram de maneira significativa para o percurso dessa trajetória acadêmica.

Não poderia me esquecer de agradecer aos meus colegas de curso, em especial a minhas duas “filhonas”, Driely e Micharlane. Meninas, com vocês aprendi que idade não interfere em relações, pois sempre me senti, ao lado de vocês, adolescente de novo. Obrigada por tudo que vivemos juntas, os trabalhos produzidos e apresentados, os projetos no PIBID, as conversas descontraídas. Amo vocês. Sinto uma imensa gratidão por Dona Fátima (mãe de Micharlane), pelos lanches nos momentos de produção de trabalhos realizados em sua casa. Também os colegas Fátima e Valdécio, pelo o companheirismo, agradeço por terem feito parte dessa fase de minha vida.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, me apoiaram nessa jornada que aqui só se inicia.

Obrigada a todos!

*Que, finalmente, o outro entenda que mesmo se às vezes me esforço, não sou, nem devo ser, a mulher-maravilha, mas apenas uma pessoa: vulnerável e forte, incapaz e gloriosa, assustada e audaciosa - uma mulher.*

(Lya Luft)

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo analisar as identidades femininas na obra *Tabuleiro de Rimas* (2013) do autor patuense José Bezerra de Assis, a fim de se descrever os perfis femininos e compreender tais identidades numa obra contemporânea e local. Para tanto, o estudo se fundamenta em discussões sobre a mulher do século XXI, com Lucena (2003), Teles (2003), Welzer-Lang (2004), entre outros, e sobre as identidades na pós-modernidade ou na modernidade líquida, com Bauman (2005), Hall (2003) e Kellner (2001). A metodologia aplicada para o estudo parte de uma pesquisa qualitativa, de método indutivo e de caráter bibliográfico, direcionando a investigação para uma perspectiva descritivo-analítica. Diante disso, constatou-se, nas análises empreendidas, que as identidades femininas encontradas são dos mais variados estilos, são mulheres com identidades diferenciadas, com condições sociais e culturais que lhes fazem únicas. Trata-se de mulheres indiferentes, vaidosas, valentes, que impõem suas vontades e escolhas, que são ciumentas, controladoras, mas, também, mães lutadoras, além de esposas insubmissas. Com características de mulheres fortes, teimosas, valentes e opiniosas e, em se tratando de uma obra cujos poemas contam sobre a vida no interior, conclui-se que são mulheres de identidades ligadas ao seu local interiorano, porém que se movem diante das mais diversas situações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade Feminina. Mulher Contemporânea. *Tabuleiro de Rimas*.

## ABSTRACT

The present monographic work has the objective of analyzing the feminine identities in the work of the patristic writer José Bezerra de Assis, in the work *Tabuleiro de Rimas* (2013), in order to describe the feminine profiles and to understand these identities in a contemporary and local work. To that end, the study is based on discussions about women of the 21st century, with Lucena (2003), Teles (2003), Welzer-Lang (2004) among others, and identities in postmodernity or net modernity, With Bauman (2005), Hall (2003) and Kellner (2001). The methodology applied to the study is based on qualitative research, inductive method and bibliographic character, directing the research to a descriptive-analytical perspective. Given this, it was found in the analyzes undertaken that the feminine identities found are of the most varied styles, they are women with differentiated identities, with social and cultural conditions that make them unique. They are indifferent, vain, brave women who impose their wills and choices, who are jealous, controlling, but also fierce mothers, as well as insubmissive wives. With characteristics of a strong woman, stubborn, brave and opinionated, and in the case of a work whose poems tell about life in the interior, it is concluded that they are women of identities linked to their interior place, but that move before the most different situations.

**KEYWORDS:** Feminine Identity. Contemporary Woman. *Tabuleiro de rimas*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 MULHERES E SOCIEDADE: O QUE A HISTÓRIA DIZ SOBRE ELAS.....	12
2 AS IDENTIDADES FRAGMENTADAS NA PÓS-MODERNIDADE.....	23
3 AS MULHERES EM <i>TABULEIRO DE RIMAS</i> , DE JOSÉ BEZERRA DE ASSIS: AS IDENTIDADES FEMININAS ENCONTRADOS NO INTERIOR .....	31
CONCLUSÃO .....	56
REFERÊNCIAS .....	57

## DEDICATÓRIA

A Deus, toda honra e glória.  
A toda minha família.  
Ao professor José Bezerra de Assis.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem por objetivo analisar as identidades femininas nos poemas da obra *Tabuleiro de Rimas* (2013), de José Bezerra de Assis, considerando o contexto contemporâneo em que os perfis citados e descritos nos poemas são construídos.

Este objetivo se desmembra em três objetivos específicos: discutir sobre a figura da mulher no contexto literário na contemporaneidade; descrever as identidades femininas encontradas na obra *Tabuleiro de Rimas*; compreender o espaço da mulher dentro da produção literária citada.

Para alcançar tais objetivos, a leitura da obra foi realizada e todos os poemas que abordam, de alguma forma, a mulher. Foi feito um recorte de cinco poemas que citam e/ou falam sobre mulheres, sendo que a obra em si é constituída de setenta poemas. Deste modo, os poemas selecionados são os seguintes: “Cenas de um dia marcante”, “Elas merecem”, “Mesmo assim eu sou feliz”, “Não fuja da sua cruz” e “O radinho de Lola”.

Esta pesquisa torna-se relevante conforme aborda a temática da identidade feminina especificamente patuense com a obra já mencionada, pois traz para as pesquisas em literatura uma contribuição relacionada à produção regional, bem como uma valorização do poeta e de seus poemas, já que, até então, não há pesquisas no que tange a esse *corpus* escolhido para o estudo.

Esta temática é importante porque nos possibilita ver a importância da mulher configurada na obra de um escritor local. Esta pesquisa poderá contribuir para os estudiosos da área de Letras, além disso, para o crescimento sociocultural, atribuindo o valor da literatura patuense e tornando-a conhecida por novos leitores.

A ideia e o desejo de estudar sobre a identidade feminina na obra *Tabuleiro de rimas* surgiu diante do desejo de estudar a literatura produzida na cidade de Patu, com o intuito de reconhecer e valorizar a produção literária da terra. O amor à terra natal é que desencadeou a primeira ideia. Unindo este primeiro desejo ao segundo de estudar mulheres na literatura, a partir de trabalho desenvolvido durante o curso de graduação, é que o trabalho se encontrou numa pesquisa sobre identidade feminina numa produção local.

Considerando a importância do tema, a metodologia utilizada foi uma pesquisa essencialmente qualitativa, sua abordagem é segundo um viés indutivo, uma vez que

parte da leitura da obra. Constitui-se, ainda, em uma pesquisa de caráter bibliográfico, que utiliza-se de técnica descritivo-analítica.

Para fundamentar este trabalho, a pesquisa ancora-se nas teorias acerca da mulher no século XXI, considerando, antes disso, o percurso pelo qual passou até chegar às conquistas da presente época (CONFORTIN, 2003; JULIEN, 1997; LUCENA, 2003; TELES, 1993; WELZER-LANG, 2004). Os fundamentos teóricos também discutem a identidade cultural na modernidade tardia, ou modernidade líquida (BAUMAN, 2005; HALL, 2003; KELLNER, 2001), pois, já que se trata, esta investigação, de analisar identidades femininas numa obra contemporânea, as discussões sobre a constituição das identidades na atualidade se fazem imprescindíveis para a análise dos perfis nas poesias.

Esta monografia está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado **Mulheres e sociedade: o que a história diz sobre elas**, discute-se sobre o percurso da mulher na história por independência e reconhecimento numa sociedade patriarcal; no segundo capítulo, **As identidades fragmentadas na pós-modernidade**, discute-se sobre a constituição das identidades diante da fluidez delas próprias, do tempo e das informações; o capítulo terceiro, **As mulheres em *Tabuleiros de rimas*, de José Bezerra de Assis: as identidades femininas encontradas no interior**, analisa as identidades de mulheres encontradas nas poesias estudadas.

## 1 MULHERES E SOCIEDADE: O QUE A HISTÓRIA DIZ SOBRE ELAS

Para compreender o espaço que a mulher vem conquistando nas esferas sociais, faz-se necessário que se entenda seu percurso histórico de lutas contra o lugar que lhe imputaram durante antes. Para isso, é preciso compreender, também, como o homem se instituiu como símbolo de poder diante da sociedade, tornada patriarcal. São estas as questões que serão discutidas neste capítulo.

Os representantes de gênero, entre os meios de difusão de informação na literatura e demais localidades sociáveis, suscitam debates a respeito da identidade do indivíduo atual. A própria ideia separa o modo de ver as coisas, vendo que a situação é complicada e relativa, mas que antigamente permanecia a todo o momento da mesma maneira, de forma fixa, rígida e sem crises.

As discussões sobre gênero apontam que, como se nasce e se vivencia no mundo, existem inúmeras e conflitantes formas de não apenas conceituar, mas viver a feminilidade e a masculinidade. Assim, noções universais e históricas de homem e mulher – no singular – atuam a ser simplistas e foram debatidas e contestadas com exatidão.

Percebe-se que a definição de gênero frisa a ideia de que, durante toda vida, no decorrer das mais variadas entidades e hábitos sociais, as pessoas se instituem como homens ou mulheres em um processo que não é claro, crescente ou condizente, e que em tempo algum está concluído ou completo.

Evidentemente, mulheres e homens são divergentes e têm valores diferentes. Conforme Confortin (2003):

[...] Há uma transformação dos conceitos de masculino e feminino, não só ao longo do tempo, mas também internamente, numa mesma sociedade em sociedades diferentes. É um elemento que nos auxilia a fixar a ideia de que existem muitos modelos, muitos projetos, muitas formas de ser homem e ser mulher (p. 111).

Esses hábitos são o início da “desarmonia”: os modos de ser homem e de ser mulher não se aplicam somente à raiz dos conceitos estabelecidos desde Adão e Eva, ele como o senhor, ela como a reprodutora sujeita ao seu senhor. A sociedade vem passando por mudanças que refletem também a maneira de ser de homens e mulheres e

as discussões que se abrem mostram que não se pode prendê-la à estereótipos fundados desde o início da história da humanidade

Reduzir as teorias sobre o masculino, em tempos atuais, é a mesma coisa de por em xeque-mate a pressuposição do direito que os homens em todo tempo dispuseram, inclusive o princípio das análises de gênero, de ser o “sexo desbravador”, depositário do domínio e do predomínio nas ligações sociais. Desta forma, para se entender as reações masculinas e as mais recentes perguntas desses direitos aos homens, necessita-se desconstruir as concepções sobre classe masculina, mostrando-a como gênero transposto pelos vínculos sociais de sexo.

O modo do manejo social que se exerce entre os indivíduos, isso desde primórdios, coloca na educação dos homens a ordem de serem viris e se revelarem maiores, vigorosos, competitivos, ou seriam considerados como os delicados, fracos, características convencionalmente direcionadas às mulheres (WELZER-LANG, 2004, p. 26-29).

Welzer-Lang (2004) entende que há um duplicado modelo naturalista que, por uma parte, define a dominação masculina com relação às mulheres e, por conseguinte, comanda o que se deve achar da sexualidade masculina. Isso traduz a constituição de uma ordem política andro-heterocentrada e homófoba, apresentando o que “dever ser” o homem de alto grau de masculinidade, o homem viril, aquele que detém todos os direitos de gênero.

Não é casualidade a estreita relação, como já citado, com os escritos bíblicos, cuja narrativa constitui historicamente um fato em que Deus constrói o homem e confia-lhe a terra diante de um vasto campo de belezas naturais. Desde o princípio, o homem tem uma imagem e um perfil inerente e específico, o de dominador.

Segundo Oliveira (2004), entende-se que “a masculinidade, sempre que conceituada, é moderadamente nova, e que vem sendo usada desde século XVIII pela ciência biológica para qualificar cientificamente a especificidade dos gêneros”.

Os discernimentos que demarcam o local do homem e da mulher por relacionarem-se um com o outro, na família e na comunidade, remontam os escritos bíblicos culturalmente ligados, a idealização da supremacia e da superioridade dominante do homem. Para a mulher restou muito pouco numa sociedade instituída pela figura masculina como superior.

Neste contexto, Julien (1997, p. 15) diz que “[...] esta figura tradicional da paternidade, nós a chamamos hoje de patriarcado, para sublinhar o declínio dela em

nossas sociedades, tocadas pela modernidade científica, leiga e democrática”.Julien decorre a missão paterna assinalada a partir do pai biológico,o pai fornecedor. São relevantes os pontos de vista do teórico no que se refere ao contexto da medicina em tempos contemporâneos, quando se reporta a fatos de uma paternidade permitida, em que se aguarda, no mínimo, o reconhecimento público da paternidade biológica e, em consequência, o “ganha-pão” ou a participação ativa na herança.

Com esta perspectiva familiar e social, o espaço feminino só foi conquistado através das mudanças de modernização da vida, ao passo que surgiam movimentos para trazer a mulher para o protagonismo da vida. Nesse sentido, Teles (1999, p.10) aponta o movimento feminista como um dos grandes responsáveis pelas lutas por espaço na sociedade e informa que “O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto em nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política)”.

O feminismo simboliza positivamente uma forma de fazer usos para fragmentar em pedaços paradigmas sociais, nos quais se apresentam os dominantes opressores, mas o objetivo do movimento não é a posição hierárquica de uma espécie de gênero em detrimento de outro, mas aprovação de identidades entre os dois numa direção de igualdade de gêneros.

Quando se conceituava “emancipacionismo”, procurava-se a equidade de direitos, sustentada no espaço dos méritos masculinos, obscuramente reconhecidos e admitidos. Atualmente, o feminismo enuncia com precisão a ideia de emancipação feminina que defende a “identidade igualitária”, não porque a desigualdade ou caráter de duas ou mais coisas se complementam, todavia conforme a elevação histórica da peculiar identidade feminina diante da opressão social masculinizada. (TELES, 1999)

A situação feminina, nesta ocasião de movimentação feminista,sobressalta a precisão de averiguar como a mulher tem permanecido e/ou atuado durante cerca de quinhentos anos de história brasileira. Se é de se considerar a história desde a criação, transforma-se extraordinariamente em muito complicada sua libertação das amarras instituídas pelo patriarcalismo.

O “movimento de mulheres” é uma manifestação por classes que protestam direitos ou aperfeiçoamentos de circunstâncias existenciais. Ao “Movimento feminista” concerne às atitudes de mulheres destinadas a lutar, opondo-se a diferenciação e a inferioridade das mulheres em relação aos homens e, assim, procuram gerar recursos

com finalidade de que as distintas mulheres sejam reconhecidas como sujeito importante de sua existência e história (TELES, 1999).

No princípio da história brasileira, os portugueses que até aqui chegaram eram homens. Pouquíssimas mulheres desafiaram a árdua e longínqua jornada do Oceano Atlântico. Salienta-se que o Padre Manuel da Nóbrega, que chegou como primeiro governador geral, no ano de 1549, redigiu à Coroa que enviasse as “mulheres desamparadas e de qualquer linhagem, inclusive aquelas que prostituíam-se” (TELLES (1999, p.18).Vê-se a mulher, a partir disso, como objeto de satisfação masculina. E nos menores povoamentos que se agrupavam, encontravam-se diversas qualidades de mulheres, tais como portuguesas, africanas, índias, escravas e livres.

Os habitantes da colônia foram alvo de exploração, pois começa a aparecer o capitalismo europeu, isto é, tendo por objetivo principal a obtenção de lucro. E essa mulher desse período enquadrou-se a este sistema de produção que visava o lucro, sistema esse em que ela era uma simples coadjuvante. Telles (1999, p.18) sobre isso explica:

[...] enquanto parte da população brasileira, sem qualquer poder de decisão, [estava] dominada que era pela metrópole (Portugal); [...] a sociedade aqui formada organizou-se sob a forma patriarcal, isto é, era uma sociedade onde o poder, as decisões e os privilégios estavam sempre nas mãos dos homens.

Sob o domínio português, a cultura que se enraizou no Brasil já se constituía dentro da esfera patriarcal. Sendo que, através dessa situação, a figura que se constituía mulher para a categoria que prevalecia, ou seja, os donos de escravos e de terras, era, precisamente, de companheira, esposa, mãe dos filhos de consagrações matrimoniais com o homem.

Telles (1999, p. 18) ainda diz que “Além das atividades do lar (organização da cozinha, cuidado com as crianças, direção dos trabalhos das escravas), cabia ainda à mulher tarefas como a fiação, tecelagem, rendas e bordados e o cuidado com o pomar”. Em muitos momentos a mulher branca era exposta como preguiçosa e desleixada. No entanto, de qualquer maneira, o essencial era que a mesma fosse exibida como subordinada, admitindo de forma passiva o que lhe era sentenciado: as prendas do lar.

No século XVII, para mulher ganhar qualquer esclarecimento, teria de adentrar na basílica da igreja católica. Durante esse período, no Brasil, a educação era de suma

responsabilidade religiosa. De que também se ocupavam os sacerdotes jesuítas. A igreja espalhava a ideologia do patriarcado e tornava-se racional sua significação: “Adão foi persuadido ao erro por Eva e não Eva por Adão. É certo que qualquer um que foi persuadido ao erro por sua mulher, seja o mesmo abraçado soberanamente por sua companheira”, tal advertência é segundo o pensamento de Santo Ambrósio, que construía a base das práticas pedagógicas para a educação das famílias.

Neste século, as famílias recebiam educação da igreja. As mulheres, quando tinham o direito de estudar, eram apenas para serem prendadas, ou seja, para serem companheiras do homem e ajudá-lo.

Durante os séculos XVII e XVIII, foram preparadas as bandeiras expedicionárias que correriam por muito tempo entre os interiores brasileiros à procura de metais e de valiosas pedras para tomada de povos indígenas. As mulheres influíram nas bandeiras, especialmente nas ascendentes, mas, não as esposas consagradas e abençoadas, que se mantinham com dedicação ao lar. Quando os homens viajavam para as exposições e as esposas não iam, eles infielmente tomavam para si as miscigenadas para saciá-los no seu leito e na sua mesa. (TELES, 1999)

No final do século XVIII até a primeira fase do século XIX, aconteceu uma mobilização da classe burguesa. O modelo de vida burguês reforçou o papel da mulher dentro de casa, reclusa às tarefas domésticas, tornando-se, assim, a rainha do lar, misturando-se a um tipo de ama, ou seja, professora, enfermeira, entre outras.

Segundo Teles (1999), na metade do século XIX, também aparecem as mulheres que iniciaram a protestar, reivindicando o que lhes era de direito, inclusive a educação. O ensino que para as mesmas foi proposto em 1827, só era aceitável para as garotas o 1º grau, sendo inadmissível um conhecimento aprofundado através do estudo, privilegiando a educação para os garotos.

Neste tempo, aconteceram várias edições de textos jornalísticos publicados por mulheres que, ativamente, marcaram época e se configuraram com destaque para encorajar e divulgar informação inovada e criativa. No Brasil foi onde se achou o maior interesse do jornalismo feminista em época (Telles, 1999, p.33). Como exemplo, a potiguar Nísia Floresta teve participações na imprensa brasileira, quando mulheres mal podiam estudar.

Segundo Telles (1999): “As mulheres da Europa e Estados Unidos iniciaram na segunda metade do século XIX um movimento por seus direitos políticos e sociais, que prontamente repercutiu nas mulheres brasileiras e latino-americanas”. Nesse mesmo

período, durante a revolução pela independência, elas destacavam-se porque contendiam circunstâncias condicionais de igualdade. Algumas delas quebraram os laços matrimoniais por causas políticas, mediante a insolência dos homens, que se recusavam a aceitar o reconhecimento da representatividade das mulheres pela conquista da independência.

Em conformidade com a autora Maria Ângela D’Incao (p. 223), a sociedade brasileira durante o século XIX, enfrentou muitas mudanças, como o fortalecimento do capitalismo, o desenvolvimento de uma vivência urbanista que facultava novas possibilidades de convívio social, a elevação da burguesia e o aparecimento das inovações capazes de reorganizar os convívios familiares e domésticos dos afazeres femininos, sem deixar de citar a maneira de ponderar o afeto amoroso.

Observa-se, ainda nesse tempo, o surgimento de uma nova mulher nas interligações da nomeada família burguesa, um novo momento marcado pelo reconhecimento da família e de uma eterna mulher que abraçava gradativamente novas concepções de vidas. Era um estável habituado recinto familiar, um ambiente acolhedor, de filhos respeitadores e de esposa cuidadosa para com o seu esposo, que gradualmente estava sendo questionado.

A vida urbana no Brasil quase não existia, no entanto, via-se uma extensa área rural. Assim, percebe-se que a estilosa vida da elite dominante da comunidade brasileira, era registrada por consequências da aristocracia portuguesa, do dia a dia de senhores fazendeiros plebeus e das dessemelhanças e influências apontadas pelo real sentido do sistema escravocrata.

Desde o princípio da história a figura do homem, predominava entre todas as áreas, no que se refere à força machista, a figura do homem como aquele que provê e trazia mantimentos alimentícios, entre outras necessidades, à família, agregados, à sociedade em geral na qual se inseria. Ao contrário do “sexo frágil”, pois a mulher dedicava-se totalmente ao papel de boa esposa prezada e cuidadosa, nas criações dos filhos, desde o nascimento, quando os alimentava entre seus seios, cuidando-os com carinho e amor, cumprindo com os desejos daquele que a controlava, fazendo-se sempre subordinada.

Percebe-se que a ideologia do machismo imperou por muitas décadas, e a mulher no seu jeito de submissa, foi educada para estar à disposição daquilo que era condigno para com o seu companheiro. Veja-se o que a autora Lucena (2003, p. 41) argumenta: “Por mais enaltecido que fosse o papel de mãe, um obscuro destino esperava

as mulheres. Uma senhora de elite, envolta numa aura de castidade e resignação, devia procriar e obedecer”. Então é notável que o que realmente restava à mulher daquela época, era ser a figura materna, ser mãe era a principal atividade numa comunidade patriarcal.

Mediante ao período das duas guerras, já no século XX, o Brasil foi demarcado pela formação do partido Comunista Brasileiro, pela pactuante Semana da Arte Moderna, dentre outros eventos, que produziram debates a respeito do desígnio da comunidade brasileira na ordem política e social. No texto que Berta Luz criou no Rio de Janeiro, “A Ligação para Emancipação Internacional da mulher”, há um bem pensado agrupamento de pesquisas com propósito de lutar pelo direito de participação política das mulheres (TELES, 1999, p. 44), um texto ousado que impactou, certamente, muitos leitores passadistas.

De acordo com Teles (1999), na virara para o século XX, aspectos favoráveis se levantaram em prol das travadas batalhas de sugestões e transformações sociais no que se referem ao espaço da mulher na sociedade, como o direito ao voto. Entendendo que, nessa época, a república dos coronéis não cumpria com seu papel da efervescência social e política do Brasil. Em virtude disso, o direito de voto real para a classe feminina só veio depois da Revolução de 30.

O mesmo autor relata que em 1934 surgiu a União Feminista como formação complementar da aliança Libertadora (ANL), uma movimentação ordenada, em 1935, direcionada por comunistas com a finalidade de destruir a liderança de Vargas e lançar um governo popular. Seus seguidores eram iniciantes intelectuais e operárias. Instaladas clandestinamente em 1935, foram presas todas as suas líderes. Em 1937, ainda aconteceu no Brasil o golpe de Estado de Getúlio Vargas, tendo em vista sua conservação no poder como ditador. “Nessa situação a luta da mulher fundiu-se praticamente com a de todo o povo, que resistia à ditadura e defendia a democracia” (TELES, 1999).

De acordo com Telles (1999), com a finalização da segunda guerra, no Rio de Janeiro, nasceu um Grupo de Mulheres pela Democracia, que lutava com bravura, efetuando de verdade suas intervenções nas capturas pela equivalência profissional, administrativa, cultural e política. Também se expandiu uma disputa pela anistia e criou-se uma Associação de Donas de Casa Desfavorável a Carestia. Embora a repercussão não tenha alcançado resultados satisfatórios, as mulheres batalhadoras exigiam a dimensão dos direitos trabalhistas às mulheres da área, que organizadamente

promoviam campanhas pela sindicalização da mulher, para que elas pudessem participar da mesma forma nas lideranças dos sindicatos.

No ano de 1952, concretizou-se a primeira Assembléia Nacional de Mulheres, conduzida por Nuta James, com o propósito de conseguir a paridade de que era seus direitos. Aliás, Telles (1999) fala a respeito das questões políticas, evidenciando que as feministas batalharam pelo esquecimento da democracia total, em favor da tranquilidade universal, tendo isto mesmo proferido em 1954, através de conferência em prol dos direitos feministas na América Latina.

Entre 1960 e 1964, desabrochou-se no Brasil uma vigorosa movimentação de massa, que introduziu com expressividade partes dessemelhante de quaisquer segmentos sociais. Falava-se sobre o custo de vida, discutia-se sobre salários iguais para trabalho iguais, desempenhados tanto por homens como por mulheres, tratando sobre jornada de trabalho entre outras coisas das leis sociais e trabalhistas em prol da mulher, (Teles, 1999, p.50-52).

No ano de 1975, após a conferência do México, por iniciativa da ONU (Organização das nações Unidas), foi apreciado e instituído o Ano Internacional da Mulher; no Brasil, já existia um agrupamento de mulheres que se achavam de certo modo preparadas e ordenadas – é claro, que mesmo diante de contrariedades, isso é fato. Isto foi um marco que sobreveio através da luta idealista das feministas no Brasil. (TELLES, 1999, p.84).

Entende-se que a revolução mais cautelosa feita pelas mulheres foi quando elas buscaram reconhecimento de seus direitos, para que na sociedade de hoje pudessem alcançar o ponto de equivalência com os direitos dados aos homens, em conformidade com o que diz Lucena (2008, p. 19): “As representações do gênero feminino, hoje encontraram um ponto de equilíbrio, embora ainda o processo de conquistas esteja ocorrendo”. Apesar de as lutas ainda acontecerem e as conquistas ainda estarem em processo de reconhecimento, a autora diz que um ponto de equilíbrio foi alcançado, o que faz pensar que muito já de conseguiu e que o espaço garantido à mulher, até agora, já caminha para a justiça e igualdade de direitos.

Vê-se que diante da obscuridade do tempo e da sociedade patriarcal, houve uma evolução principalmente no processo de conquistas, a mulher fora corajosa, de natureza gigantesca, pois obteria seu princípio perceptível do século anterior, para ressurgir e crescer completamente no período da Segunda Grande Guerra e, assim, os

machistas fervorosos fragmentaram-se dentre as tranqueiras, cedendo espaço para as novas protagonistas da história.

Por isso, na história da humanidade, durante muito tempo, as mulheres eram subjugadas pelos homens, e isto acontecia em consequência de uma cultura, ou seja, a transmissão de doutrinas, de lendas, de costumes que fizeram a história por longos tempos. Foram as mulheres que, no percurso da transformação da sociedade ocidental, jamais se resignaram com a condição de desvantagem, contudo possuíram a chance de exprimir-se. Esta surgiu desde o instante em que conseguiram provocar, fazendo com que suas falas fossem atendidas, não mais deixando de falar nem de ser ouvida, mas, a partir dessa ocasião em diante, suas vidas mudaram completamente e, claro, a sociedade por completo.

Salienta-se que foi unificando-se em volta dos combates por reconhecimento que as mulheres estream a conquistar uma área anteriormente garantida apenas aos homens. Dos combates casuais percorreram as mudanças sociais expressas através de palavras e gestos à procura da identidade, de reconhecimento.

Apesar de perpetuado o modelo patriarcal, algumas mudanças ocorreram a partir das décadas de 30 e 40, em razão das transformações políticas, sociais ou culturais, embora o país mantenha o governo totalitário e intransigente [...] Nesse contexto, começa a surgir uma nova mulher, que passa a contar com alguns aparelhos eletrodomésticos para facilitar sua vida, sobrando-lhe algum tempo para informação pelo meio de comunicação da época: rádio (MORAIS, 2003, p.41)

Conforme o autor supracitado, desde esta situação, as mulheres obtiveram uma inovação de igualdade, que propiciou a mais inovada história das mulheres, com direitos estabelecidos de modo formal e introduzidas nos diversos espaços de representação, de comercialização, de trabalho. Isso pode ser “permitido” por causa da industrialização, com instrumentos que facilitavam a execução de tarefas domésticas e garantiam tempo para a mulher ir ao encontro da informação e, mais adiante, da emancipação.

No século XXI, com a inovação no comércio de trabalho em vários espaços de atuação, diante de cargos de comandos, mulheres livres, que se comportam com autonomia e que não se submetem à impetuosidade por parte dos seus esposos ou amantes, são aquilo que querem ser e que antes lhe era impedido. Surgem mulheres de ação na comunidade, com capacidade na tomada de decisões relevantes no convívio

social. Para tanto, Confortin (2003, p. 121) enfatiza: “O século XXI, século feminino, será o da versatilidade para adaptar-se, rapidamente, aos mais variados meios e situações. A mulher deverá aprender a mover-se, agilmente no interior do próprio conhecimento”.

Assim, entende-se que o cenário do presente século é recheado de mulheres independentes, com ideais e direitos de manifestação do pensamento por meio da palavra ou de qualquer outro recurso, mulheres que, por fazerem parte de uma sociedade, têm seus direitos políticos e civis assegurados. Mas ressalta-se que as diferenças não deixaram de existir, elas insistem, no entanto, de maneira mais aprazível, pois vê-se que maior parte das comunidades de mulheres de épocas atuais não calam a voz, mas encaram com voz firme e autônima a história da sociedade e sua própria história.

Entretanto, independentemente de dar sua parcela de ajuda à família, às instituições empresariais, à comunidade, a mulher até esse tempo, tem sido desprestigiada como uma mão forte de trabalho inferior, mais encarecido e menos lucrativo. Por isso a autora Confortin afirma que a mulher deve:

[...] ter consciência crítica, estar comprometida com o mundo, com o trabalho e ser capaz de tomar decisões para, quando necessário, modificar o curso natural das coisas, levando a organização a buscar novos horizontes e caminhos e de forma a proporcionar o próprio crescimento (CONFORTIN, 2003, p. 122).

Desta forma, é perceptível uma evolução. Antes, era designada, à mulher, a função de mães para cuidarem de seus filhos, do lar, do companheiro ou pais, entre outros familiares, hoje, conforme a citação, elas podem ter autonomia e, mais que isso, deve buscá-la a fim de que possam tomar as próprias decisões e participarem do curso da história social.

Dessa forma, compreende-se que, no decorrer dos tempos, as mulheres foram (e são) capazes de incorporar, até por ordenança jurídica, os novos direitos, direitos estes que foram conseguidos de maneira árdua através, das movimentações sociais inventadas pelas mesmas, que obtiveram como inferência a introdução de um novo cenário de ligações de gênero, já resultante das lutas, apto a constituir uma “nova comunidade”.

Verifica-se que aconteceu uma grande mudança ao término do século passado, não unicamente dentre as ligações familiares, mas igualmente no comércio de trabalho, pelo ingresso maciço das mulheres nas instituições comerciais de empreendimento de

renumeração. Elas já executavam porção deste negócio, todavia, defronte da comunidade patriarcal, via-se que era uma ocupação inconcebível. Para Lucena (2003, p.107-108), no princípio do século XXI nota-se que o cenário já inicia com modificação e a mulher começa a tomar outra posição no espaço social do meio em que vive.

Em tempo contemporâneo de uma época globalizada, com velocidade de informes e contínuas alterações, vê-se que a mulher definiu com precisão o rompimento da figura que vinha representando nos últimos séculos, isto é, o de viver simplesmente como uma progenitora, mas de pé, em ação, tornou-se dona de suas próprias decisões e na realização dos seus projetos.

Para compreender este processo atual de mudanças velozes é que o capítulo seguinte discute a identidade pós-moderna ou líquido-moderna, explanando a mobilidade do sujeito contemporâneo e seu descentramento.

## 2 AS IDENTIDADES FRAGMENTADAS NA PÓS-MODERNIDADE

Como esta pesquisa investiga os perfis femininos na obra *Tabuleiro de Rimas*, de José Bezerra de Assis, é de fundamental importância que se discuta o que é identidade na vida pós-moderna, para que se possa compreender as identidades femininas investigadas nos poemas que serão analisadas no capítulo três, já que se tratam, os poemas, de uma produção contemporânea. Com isso, ter-se-á, através desta base teórica, fundamentos para o estudo das imagens de mulher na poesia da obra citada.

Para isso, objetiva-se, nessa discussão, falar sobre identidades no contexto atual, considerando-a como parte constituinte de um todo, mas um todo que não pode ser decifrado de modo fixo ou necessariamente unificado. É o que Bauman (2005) chama de mosaico, pois as identidades são constituídas de muitas e diferentes partes, mas que não quer dizer que tais partes sejam uma composição estável.

Nesse contexto de identidades móveis, é preciso entender que, conforme Kellner (2001) há uma distinção entre sociedade pré-moderna e moderna. Naquela, os sujeitos não atravessavam conflitos de identidade, que era ativa, ou seja, permanente, própria e inalterável. Nunca se viam crises de figuras sociais. Opostamente, hoje, “[...] a identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações” (KELLNER, 2001, p. 295).

As identidades, antes, constituíam-se em figuras separadamente fixas de mãe, filho, homem, mulher, etc. Os limites fixados se ampliaram durante o passar dos anos, tornando-se, na contemporaneidade, uma questão para se pensar, para debater. Costumeiramente, os sujeitos se reconhecem na posição social da coletividade (LUCENA, 2003).

Na época da consumação e domínio dos meios midiáticos, o indivíduo continuamente possui uma exposição a manifestações diversas de informações e ideias, mudando os contextos fixos de composição das identidades. Kellner (2001, p. 297), sobre isso, discute que “para alguns teóricos, a identidade é uma descoberta e a afirmação de uma essência inata que determina o que somos, enquanto para outros a identidade é um construto e uma criação a partir dos papéis e dos materiais sociais disponíveis”.

A partir dessa ideia, é possível a compreensão de que as identidades, hoje, são constituídas a partir de fatores internos e também externos, sendo que um influencia no outro. Keller, em relação à pós-modernidade, explica que:

Segundo a perspectiva pós-moderna, à medida que o ritmo, as dimensões e a complexidade das sociedades modernas aumentam, a identidade vai se tornando cada vez mais instável e frágil. Nessa situação, os discursos da pós-modernidade problematizam a própria noção de identidade, afirmando que ela é um mito e uma ilusão (KELLNER, 2001, p. 298).

Na pós-modernidade, o indivíduo se divide em pequenas partes, e os hábitos de conhecimento dos meios midiáticos passam a existir diante de um processo de demolição da identidade fixa, daí a ideia de ilusão, pois sua instabilidade aponta uma espécie de inconcretude. O indivíduo é capaz de converter-se continuamente. Os impactos midiáticos, diz Kellner (2001), têm acelerado atualmente em peso no amplo espaço mundial, à medida que se tem apresentado que, pra quem quer tornar-se atual, ser bem sucedido na esfera universal, precisará ceder um olhar específico para a exterioridade veloz que rodeia cada indivíduo e toda a sociedade.

Na chamada modernidade tardia, nomeada assim por Hall (2003), a discussão sobre a identidade (ou identidades) se direciona a um novo modo de pensar que evidencia as influências do mundo globalizado na forma de pensar e agir dos sujeitos pós-modernos.

Não se trata de uma dissolução das identidades, mas de seu deslocamento. Daí é bom pensar em questões como: “O que realmente está ocorrendo à(s) identidade(s) sociocultural(is) em plena modernidade tardia? Em especial como as identidades culturais nacionais têm sido convencidas e alcançadas pelos procedimentos e conteúdos de mediações globalizadas”? (HALL, 2003, p. 47).

Na pós-modernidade, ou modernidade líquida, a identidade é vista de maneira flexível e constantemente há um risco de se arquitetar algumas ambiguidades. De tal forma, a identidade precisa ser considerada como um objeto não determinado, e empenha-se na sua criação, diferentemente de representações envoltas em pensamentos para que ocasione uma conservação de sua condição. Conforme Bauman, a ideia de

[...] “Ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser

realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p.17-18).

Evidencia-se, no espaço líquido-moderno, que as culturas nacionais das quais surgem e se organizam os sujeitos, instigam a formação das identidades culturais. Entretanto, ao determinar, o indivíduo, que é francês, indiano ou mexicano, não está percebendo que é submetido, quer queira quer não, a várias comunidades de ideias que não fazem dele apenas um sujeito determinado pelo pertencimento a uma nação. Essas identidades não existem de forma literal gravadas dentro de si. (HALL, 2003).

Nessa orientação, percebe-se que a identidade não é apenas uma questão de pertença a um grupo ou uma nação, por exemplo. Ela permite elasticidade, fins e começo. Em tempos de um mundo pós-moderno, em que a sociedade está em contínua variação, mas, às vezes, ainda entrelaçada pelo tradicionalismo de demonstrar seus costumes de geração em geração, as deformidades que se extinguiu ou dá nova formulação as novas identidades são constituídas a cada instante pelas inovações que logo se tornam arcaicas.

Nesta sociedade, vê-se que as identidades conseguem possuir identidades filiadas e deixadas de lado, em desuso, ou seja, sem serventia alguma. Em vista disso, percebe-se que nos dias atuais um dos maiores dilemas que o homem contemporâneo depara-se é o da constituição ou acomodação da identidade.

Refletindo sobre esse pensamento, confira-se o que Bauman (2005) diz: “É provável que fiquemos divididos entre o desejo de uma identidade de nosso gosto e a escolha e o temor de que, uma vez assumida essa identidade, possamos descobrir [...] que existe uma ponte, se você tiver de bater em retirada” (p. 105). Desta maneira, ao assumir uma identidade e não querê-la mais, existe uma ponte para bater em retirada, ou seja, existem outras identidades que podem ser facilmente adquiridas, assumidas, incorporadas. Ninguém precisa (nem vai) ficar preso a uma única identidade diante da exposição que se tem no mundo globalizado.

Pelo fato da identidade ser precisamente muito discutida pelas teorias sociais, estas buscam expressar fundamentalmente que “as velhas identidades representam, fazem surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. E ainda: “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 1996, p. 108). Por isso, as velhas

identidades, as fixas, não conseguem resistir, porque o contexto de vida veloz que se tem hoje, naturalmente, não permite essa estabilidade.

Considerando isso, é possível dizer que na sociedade pós-moderna não existe imutabilidade nas identidades, pelo contrário, o autor reporta que as identidades são fragmentadas, descentradas, e não fixas como as que por muito tempo firmaram as constituições do que identifica uma pessoa, uma sociedade, uma nação.

Como afirma o teórico Hall, “embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’, ou unida, como resultado da fantasia de si mesmo como uma ‘pessoa’ unificada que ele formou na fase do espelho” (2005, p. 7). O sujeito pós-moderno é descentrado, mas ele tem a impressão de que é unificado, de que sua identidade é constituída de maneira unificada, quando, por exemplo, ele se olha no espelho e vê um todo e não as partes.

Então, verifica-se, conforme os autores citados, que as informações, o mundo, o ambiente externo se encontram alterando as identidades particulares, oscilando a base estrutural da ideia que se possui de sujeito adaptado ou unificado. Sendo que essa perda de aceção desestruturada do que é fixo é o que caracteriza o descentramento do sujeito. Nesse sentido, Bauman afirma que

[...] a descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era “líquido-moderna”. [...] Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. (BAUMAN, 2005, p.18 e 19).

No contexto pós-moderno, compreende-se que as transformações vividas pela sociedade contribuíram para mudar o espaço de “equilíbrio” vivenciado no mundo. As mudanças no campo da economia, da cultura e da política, dentre outras, beneficiaram a modificação da dinamicidade social que se mostrava estagnada.

Atualmente, ao crescimento e disseminação das novas tecnologias da informação e da comunicação, soma-se fenômenos culturais na contemporaneidade que, audaciosamente, impactaram culturas que pareciam estáveis, concepções de vida e

sociedade, impulsionando a instituição de um panorama diferenciado e fluido, o qual influencia diretamente as constituições das identidades singulares e coletivas.

Bauman (2005) informa que se infiltra uma crise de identidades de maneira que o que anteriormente apresentava-se centralizado e seguro não existe mais, isso cria um sujeito fragmentado. Entende-se que a fragmentação da identidade do sujeito é resultado dos formatos da história estabelecidos na sociedade e que principiaram ainda a pós-modernidade.

Nesse sentido, Hall (2003) traz ressalvas de que as inovações estruturais colocaram em perigo os conhecimentos básicos estáveis relacionados a constituição das identidades e o sentimento de pertencas do sujeito às bases estruturais e instituições fixas. Daí o indivíduo contemporâneo não ter uma identidade primordial ou estável, pois tal estabilidade tem sido desarticulada pela velocidade da vida líquida moderna. (HALL, 2003, p.7).

Segundos os autores mencionados até agora, a sociedade, na sua liquidez, vive a denominada “crise de identidade”, a qual é olhada como parcela de um processo bem extenso de transformação que está mudando as já aludidas bases estruturais e procedimentos centrais das comunidades modernas. Isso está inquietando os cenários e contextos que doavam aos sujeitos uma segurança na sociedade.

Já no espaço psicológico, o indivíduo contemporâneo experimentaria a real vivência do cenário de mudança social e de dúvida a respeito dos paradigmas anteriores, em que há uma verdadeira mudança na personalidade, em regime com as transformações da sociedade.

Vê-se que as mudanças relacionadas à contemporaneidade desemparedaram o sujeito da base da qual o mesmo utilizava-se para sustentar-se nas histórias e nos arcabouços, ou seja, nas bases estruturais fixas. Em épocas passadas, confiava-se que os mesmos subsistiam firmados divinamente.

Por causa disso, a indagação da identidade está se fazendo amplamente, estão chegando cada vez mais discussões teóricas, sociais e psicológicas. A partir destas, está-se constatando que as primeiras identidades, que em tempos passados consolidaram a sociedade social, estão declinando-se para baixo, ou seja, para uma superfície inferior, dando espaço para o despontar de novas identidades e fragmentando o sujeito contemporâneo, que até o momento via-se como um indivíduo unificado. (HALL, 2003)

Entende-se que as mudanças na contemporaneidade surgem das comunidades modernas, já que as identidades acontecem de acordo com o ponto de vista social e aos

poucos vão se constituindo na sociedade e o sujeito conforme esse novo contexto. Por isso “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante rápida e permanente” (HALL, 2003, p. 14). As identidades apontam que o caráter de transformação da sociedade na modernidade tardia apresenta-se através de três concepções de identidade, que se destacam na seguinte ordem: inicia-se, com o indivíduo do iluminismo; seguindo-se para o indivíduo sociológico; e, por fim, o indivíduo pós-moderno.

O indivíduo do iluminismo baseava-se na opinião de um indivíduo pensante como um sujeito completamente centrado, unido, munido das capacidades de raciocinar, de inteligência e de atitude. Essa era uma opinião bastante “egoísta” do indivíduo e de sua verdadeira identidade, direcionada o indivíduo do iluminismo como um ser masculino.

Já a noção do indivíduo sociológico considerava a progressiva complicação da sociedade contemporânea e a voz racional do eu, que secretamente concorda ou não com as ações do próprio sujeito, no qual o núcleo interno não tinha autonomia e nem se mantinha por si próprio, mas era ensinado, isso relacionado com “outros indivíduos especiais para o mesmo”, que ensinavam à pessoa preceitos morais, isto é, valores, símbolos e o conhecimento cultural dos espaços que o mesmo vivia. No entanto, compreende-se que essa concepção sociológica clássica relacionada a identidade é constituída entre indivíduos pertencentes a um mesmo grupo ou até mesmo sociedade.

O indivíduo possui um núcleo interno que é a voz real do eu, mas o mesmo é instruído e mudado numa interação contínua entre culturas, de outras diferentes sociedades, as quais recebem/doam muitas ofertas. Nessa concepção sociológica, a identidade ocupa a dimensão entre o interno e o externo. Na realidade, o que se programa a cada um nessas identidades culturais, simultaneamente, é que significados e valores são internalizados, conquistando os “pedaços” que compõem cada sujeito, cada identidade, colaborando para arrumar sentidos que pertencem ao indivíduo pensante e a seu eu.

Bauman (2005) discute que são precisamente essas coisas que estão se modificando. O indivíduo possui uma identidade que se uniu estavelmente, mas hoje assume-se fragmentado, formado não de uma única, mas de diversas identidades, muitas vezes contraditas. Eis a ideia de mosaico. O efeito das modificações referentes a estrutura relacionada às arrumações públicas que acolhem e atendem as necessidades de

uma sociedade, apoderou-se do mais transitório e controverso modo de se constituir identidades na liquidez da sociedade.

É nesta esfera que está o indivíduo pós-moderno, subdividido e constituído por numerosas identidades e, por esse motivo, reverteu-se, tornando-se volúvel, temporário e de difícil compreensão. Conforme Hall (2003), a identidade torna-se uma “celebração móvel”; que está pronta e alterada incessantemente, vinculada às proporções de momentos instáveis, em que o sujeito é submetido às chuvas de informações e características dos diversos sistemas culturais que o permeiam.

Nesse mundo contemporâneo, o propósito da TV, como uma tecnologia da informação e da comunicação de massa, é permutar as primícias de representações a serem mostradas pelos mais recentes representantes de identidades. As chamadas TICs aceleram a globalização e por isso das identidades estão sempre em processo de fluidez, em contextos igualmente fluidos.

[...] Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p.17).

Nesse sentido, afirmar-se como pertencente a um lugar ou a um determinado grupo social, reportar-se às categorias como raça, sexo, classe social, não é mais um “porto seguro” das identidades. Pode-se conceituar as identidades como momentâneas, temporárias, que descontrolam a ideia de fixação, não constituem por longa duração, mas se encontrará numa circunstância plena de provisório e não concluído.

Logo, as expectativas do espaço globalizado geraram mudanças condizentes com o rompimento e o afastamento das categorias de estabilidades na constituição das identidades, forçando a produção das últimas identidades como móveis e fluidas, líquidas como a velocidade das ideias na modernidade tardia. Desta forma, o que aconteceu, em concordância com o que entende Hall (2003, p. 34), em relação a este indivíduo pós-moderno “não foi simplesmente sua degradação, mas seu deslocamento”.

O autor ainda afirma que conseguir expor um mapeamento de historiado conceito de pessoa moderna seria uma manobra excessivamente dificultosa. A noção é que as identidades eram completamente constituídas de algo que foi unificado e

harmonizado durante as gerações e estas, com o passar do tempo e as consequentes mudanças tecnológicas, sociais, políticas e culturais as fizeram deslocadas na modernidade tardia.

Anteriormente se aceitavam esses efeitos firmados, não ficavam as identidades subordinadas aos processos de transformações. A condição social, a classificação e a colocação de um indivíduo no extenso encadeamento de pessoas imperavam por cima de quaisquer efeitos.

As identidades, muitas vezes, acontecem sob essa condição social, mas também pode depender de na própria escolha do indivíduo. Com isso, Bauman (2005, p. 19) afirma: “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. Desse modo, vê-se que a estratificação da sociedade é fator importante na constituição das identidades. O passo que identidades são escolhidas (como a ideia de ir a uma loja e forjar a identidade que quiser), pois há um leque de escolhas à disposição dos indivíduos, ao mesmo tempo tal leque não é acessível a todas as classes, o que dá forma à ideia de identidades infladas e lançadas em sujeitos que não a escolheram.

De um modo ou se outro, diante a discussão aqui empreendida, fica que as identidades não se sustentam apenas diante dos processos externos a que a sociedade está exposta, mas de todas as informações culturais que circulam numa velocidade incontrolável e que atingem de uma maneira ou de outra em meio onde se está inserido. Ainda conforme o mesmo autor: “Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios” (2005, p. 19). Diante disso, conclui-se que a vida dos indivíduos, seus contextos de contatos com a informação, com as tecnologias, com a interação, com as comunidades de ideias, estão intimamente ligados à a constituição de suas identidades em determinados momentos, tão fluidos quanto as próprias identidades que vão se compondo.

### **3 AS MULHERES EM *TABULEIRO DE RIMAS*, DE JOSÉ BEZERRA DE ASSIS: AS IDENTIDADES FEMININAS ENCONTRADAS NO INTERIOR SERTANEJO.**

Este capítulo trata de analisar figuras femininas nos poemas do livro *Tabuleiro de Rimas*, de José Bezerra de Assis. Os poemas selecionados para este estudo são todos aqueles que, de alguma forma, remetem-se a mulher. Nas leituras feitas, os versos foram analisados a fim de se traçar perfis femininos nas poesias do livro citado.

A obra *Tabuleiros de Rimas* é do escritor José Bezerra de Assis, reconhecido pela população patuense, um professor mestre e poeta, com quatro obras publicadas, que são elas: *Fagulhas de Poesia*, *Nas Trilhas do Cordel*, *Teares de Versos* e, por último, a obra em estudo, todas em formas de versos rítmicos, escreve suas obras tratando das mais variadas temáticas, dentre elas destaca-se a obra escolhida como *corpus* desse trabalho, em que trata de vários tipos de mulheres, grande parte baseada em fatos verídicos que o próprio escritor conhece ou que ouviu falar.

Ainda nos seus poemas encontram-se evidente o sentimento humano em várias dimensões, em grande parte em seus poemas ele faz referências a Deus, influências da cultura negra, indígena e portuguesa. Tornando-se assim, poemas com dinâmicas que são mutáveis em sua construção, apresentando uma realidade em múltiplas maneiras, de valores morais e estilos de vida. De um modo geral, os poemas do livro *Tabuleiro de Rimas* trazem estas temáticas, todavia, a partir de agora o trabalho se centra em analisar as identidades femininas das poesias selecionadas.

A análise será feita de um poema de cada vez, totalizando cinco, e inicialmente, faremos um contexto geral do conteúdo, para, em seguida, ser feito o estudo do perfil feminino encontrado nos versos do poema ora analisado.

O primeiro poema selecionado para análise é “Cenas de um dia marcante”. Vê-se que o poema em cordel já citado, é como na maior parte dos seus poemas, popular e tradicional, composto por cinquenta sextilhas milimetricamente bem aplicadas, que oscilam-se entre oito e dez sílabas métricas, rimadas em conformidade com o esquema; sua linguagem é de muita clareza, a qual advém da simplicidade nas palavras e nas colocações.

O poema é uma sucessão a um projeto iniciado pela geração de 60, pois aparece o imaginado memorável, entrelaçando fatos, as imagens agregam-se na memórias do

ser que transcreve o que imagina e interiorizou, suscitando as marcas de cenas que o levaram a vivenciar lembranças inesquecíveis.

Joanita e Pedro Pimpão  
 Faz tempo que são casados  
 Uniram-se em matrimônio  
 No dia dos Namorados  
 Como foi aquele dia  
 Hoje ainda estão lembrados.  
 (ASSIS, 2013, p. 34).

Nota-se logo de princípio que o poeta indica nominalmente a figura de Joanita, evocando-a como uma das figuras principais do poema. O pensante imagina fatos memoráveis que retratam cenas vivenciadas por um casal apaixonado no período dos anos sessenta, e transcreve do seu interior para o papel fatos que até o momento são lembrados. Veja-se como se deu esse fato, o casório entre Joanita e Pedro Pimpão:

Fim da década de sessenta  
 O sertão muito atrasado  
 Mas mesmo assim cada sítio  
 Estava bem habitado  
 Ninguém pensava que o mundo  
 Ia ser globalizado.

Era o burro e o cavalo  
 O transporte do sertão  
 Um rádio grande de mesa  
 Era a comunicação  
 Só nas cidades maiores  
 Havia televisão.

Do Sítio Fortuna, os noivos  
 Foram a pé pra casar  
 Quinze quilômetros até Sousa  
 Teriam que caminhar  
 Juntos com mais dez pessoas  
 Que iam acompanhar.

Cinco da manhã saíram  
 Numa hora calma e fria  
 O casório deu-se às nove  
 E todos com alegria  
 Pegaram o caminho de volta  
 No pino do meio dia.

Na metade do caminho  
 Havia ali um regato  
 Com água cobrindo os pés  
 Para incomodar de fato

O noivo, que era o único  
Que estava de sapato.

Um grande amigo do noivo  
fez um esforço danado  
Evitou que ele tirasse  
Meias e cada calçado  
jogou-os nas costas e foi  
Com ele pra o outro lado.

Foi ao extremo esse amigo  
quando a isso se dispôs  
Algo fora de comum  
Faz naquela hora, pois  
O noivo pesava oitenta  
E ele cinquenta e dois.

Na ida foi tudo bem  
Mas na vinda deu errado  
Novamente no riacho  
Lá vinha o noivo escanchado  
No coitado do amigo  
Quase morto de cansado.

Quando faltavam dois metros  
Para ele atravessar  
Aí não deu mais um passo  
começou a arriar  
Caiu com o noivo na água  
Sem ter mais jeito pra dar.

Pisando em terra firme  
Já estavam os demais  
Todos enxugando os pés  
Quando olharam para trás  
Riram muito, mas a noiva  
Essa foi a que riu mais.  
(idem, 2013, p. 36)

Neste conjunto de versos, corresponde ao momento em que a noiva surpreende-se com o acontecido e mostra-se indiferente a tal situação mostrando através de sucessivos risos, sua indiferença no que se refere a vaidade de ter um noivo belo e elegante. Joanita se deu ao riso, ao momento de descontração, indiferente ao jeito que deveria ser “alinhado<sup>1</sup>” e se dando o direito de se alegrar diante da cena engraçada.

Passe-se ao que sucede a cena engraçada:

---

<sup>1</sup> Que se traja com esmero e elegância, ou seja, elegante. Acessado em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

Vendo os dois ali caídos  
 Literalmente encharcados  
 Com certa dificuldade  
 Pra ficarem desgrudados  
 Que os pés do noivo estavam  
 Nos do amigo enganchados.

Devido o cansaço, a fome  
 Os dois não tinham destreza  
 Enquanto os óculos do noivo  
 Descia na correnteza  
 No cinturão do amigo  
 A gravata ficou presa.

E depois de tanto rirem  
 Olhando aquela desgraça  
 Foram parando aos poucos  
 Que essa coisa dá e passa  
 Só a noiva sem controle  
 Não parava de achar graça.

Vendo esse desvario  
 O noivo de cara feia  
 Foi tentando levantar-se  
 Com uma das mãos bem cheia  
 Jogou nas costas da noiva  
 Um punhado de areia.

Era uma areia grossa  
 E com lama misturada  
 Se foi jogada com força  
 Ali ficou bem grudada  
 Naquele vestido branco

A sujeira foi pesada.  
 Como um fera, Joanita  
 Mostrando o seu gênio cru  
 Partiu pra bater em Pedro  
 Vermelha igual um peru  
 E a turma do “deixa disso”  
 Acabou o sururu.  
 (idem, 2013, p. 37).

Observa-se que mediante a sucessão de risos da noiva, o noivo reage à indiferença da mesma em relação a sua elegância desfeita e, joga-lhe um punhado de areia, que veio estragar a brancura do seu vestido, e isso provocou-a ferozmente, pois o texto a denomina “como uma fera”.

Ela age momentaneamente com truculência, encarando-o e enfrentando-o como se fosse bater nele, ela o empurra enfurecida. Nesta sextilha aparece declaradamente uma mulher com “M” maiúsculo aqui presentando-se com igualdade

pra lutar e se defender, inclusive no que refere à força física. A fúria da noiva veio porque o noivo também queria rir, tanto quanto ela, espalhando a brincadeira e, talvez, aproveitando-se do bom humor dela. Entretanto, Joanita mostra que ele não pode tomar iniciativas sozinho quando se trata de algo relacionado a ela, por isso revida a ação do recente esposo, de igual para igual. Por isso, ela continua “como uma fera”:

Mas Joanita que estava  
 Enfurecida demais  
 Empurrou o noivo e disse:  
 -- Suma daqui Satanás  
 Vá direto pro inferno  
 Eu não quero lhe ver mais.  
 (idem, 2013, p. 38).

Nestes versos, entende-se que, após encará-lo e empurrá-lo com a tal ferocidade, ela grita-o e esbraveja furiosamente, com audácia, e, em vez de zelar pelo então marido, como fariam as moças educadas para o casamento e para a vida, como excelentes donas de casa, ela o despreza e diz claramente que não o quer, dando-lhe alcunhas, esbravejando e evidenciando, nitidamente, ser uma mulher de forma arrojada. Os fatos expostos no poema mostram uma atitude feminina inesperada e não “propícia” para o que as convenções impõem às mulheres.

Falou isso e disparou  
 Numa tremenda carreira  
 Na estrada acidentada  
 Cheia de curva e ladeira  
 E os outros correndo atrás  
 Chega subia poeira.

Mas o noivo e seu amigo  
 Tiveram que ali ficar  
 Subiram em uma pedra  
 Ficando ali a quarar  
 Só saíram à tardinha  
 Depois da roupa enxugar.

Enquanto isso a noiva  
 Visivelmente cansada  
 Chegava à casa dos pais  
 Nervosa e muito irritada  
 E o povo não vendo o noivo  
 Ficou sem entender nada.  
 (idem, 2013, p. 38).

No jogo de rimas versificais, destaca-se o perfil da mulher temperamental. Após o atrevimento de sua enunciação em público – “Não lhe quero mais” – ela permanece na sua ideia e abandona o ambiente seguramente diante da multiplicidade de sentimentos perceptivelmente em efervescência. A pé, em meio às dificuldades de locomoção, ela não volta atrás de sua decisão, elucidando não ser sujeita às atitudes do homem quando não a agrada. Ao chegar à casa dos pais:

Ela trancou-se num quarto  
 Nem sequer água bebeu  
 Dentre os acompanhantes  
 Uma jovem resolveu  
 Contar para os convidados  
 Tudo o que aconteceu.  
 (idem, 2013, p. 38).

Apesar da maneira arrojada e decidida de se comportar diante do noivo e das demais pessoas presentes no casório, ao chegar em casa ela “despenca”, evidenciando seu estado de mágoa ou de tristeza. Na continuação do acontecido,

Quando já escurecia  
 Viram então os convidados  
 O noivo e o seu amigo  
 Chegarem estropiados  
 Pálidos, cansados, sofridos  
 Tristes e desconfiados.

A essa altura Joanita  
 Continuava trancada  
 Com a chegada do noivo  
 A mãe da noiva apressada  
 Foi lá, chamou várias vezes  
 Ela não respondeu nada.  
 (idem, 2013, p. 39)

Ao continuar trancada mesmo diante da insistência de familiares e convidados e da chegada do noivo, vê-se que Joanita tem opinião forte, que não cede aos apelos dos demais, apresentando uma personalidade geniosa mesmo perante um fato tão importante como um matrimônio. Sua postura irredutível permanece:

As irmãs e as amigas  
 Chamaram muito também  
 O seu pai gritou: - Joanita  
 Que diabo é que você tem?

E o noivo disse com calma:  
 - Abra essa porta meu bem!  
 (idem, 2013, p. 39).

Denota-se a figura de uma mulher amuada no silêncio do seu quarto, envolta em seus pensamentos e opiniões, não retrucando os pedidos para que cedesse, porém a mesma estava ligada ativamente a tudo que acontecia ao seu redor:

Ela do quarto saiu  
 Com ar de enfurecida  
 Cabelos despenteados  
 Em outro traje vestida  
 Blusa cor de chocolate  
 Calça vermelha comprida.

Ainda muito amuada  
 Para a cozinha passou  
 Sem cumprimentar ninguém  
 Foi ao terreiro e voltou  
 E nem com o rabo de olho  
 Para Pedro ela espiou.  
 (idem, 2013, p. 39).

Configura-se vilmente, a ser uma mulher desalmada, desajeitada e acima de tudo, desajustada, por não saber contornar a situação que instalou-se e complicou-se entre eles.

Na segunda estrofe o poeta inicia nomeando Joanita com um adjetivo, amuada, firmando o que já foi dito em uma das estrofes anteriores, quando, caracteriza-se a imagem de uma mulher opiniosa, que agora também parece sisuda e antipática. Tais características são demonstradas a partir do momento que o noivo lhe fez a brincadeira com lama no vestido, brincadeira essa que suscitou o que existe de mais “teimoso” na personalidade de Joanita.

E na hora de jantar  
 Naquela noite sem vento  
 Quase ninguém conversava  
 Era pouco o movimento  
 Em nada se parecia  
 Com festa de casamento

Se não ia acontecer  
 Nem cantoria, nem dança  
 O festejo do casório  
 Era só a comilança  
 Pra esse momento a noiva

Preparou sua vingança.

Todos sentados à mesa  
Ela na ocasião  
Jogou pirão de galinha  
E esfregou com a mão  
Manchando a camisa branca  
Do noivo Pedro Pipão.  
(idem, 2013, p. 40).

Nos versos acima verifica-se a premeditação de uma vingança, configurando a personalidade de uma mulher articuladora, até calculista, que esperava a hora certa de revidar a brincadeira do esposo. Com essa vingança, percebe-se que sua indiferença inicial em relação a elegância do noivo não se aplica a si mesma, pois a forma como revidou, jogando pirão na camisa branca do noivo, mostrou a mágoa de Joanita por ter o vestido sujo e manchado, o que revela sua vaidade feminina.

E gritou na cara dele:  
- Eu agora estou vingada  
Pagaste a conta sujeito  
Comigo é bala trocada  
Tem que ser dente por dente  
Não pense que eu sou lesada.

Agora lavei a alma  
Tirei da garganta o nó  
Vou tomar banho, me trocar  
Por minha loção, meu pó  
Depois irei almoçar  
E jantar duma vez só.  
Desabafou e saiu

E o pai dela disse assim:  
- Meu genro não se apoquente  
Joanita tem gênio ruim  
Eu já nem conto os tabefes  
Que ela tem dado em mim.  
(idem, 2013, p. 41).

Joanita faz referência ao conhecido provérbio, “olho por olho, dente por dente”, o que traz o seu pensamento sobre a igualdade entre os gêneros, entre ela e o esposo. Sua valentia de “bala trocada” e sua advertência, “Não pense que eu sou lesada<sup>2</sup>”, confirmam uma mulher de perfil arrojado, e além de tudo insubmisso. Isso se comprova, inclusive, com a fala do pai da moça, que referencia Joanita como de “gênio

---

<sup>2</sup> Lerdo, lento, tolo, amalucado ou esquecido. Acessado em : <http://www.dicionarioinformal.com.br/> .

ruim” pelos “tabefes<sup>3</sup>” que já deu no pai. Embora se compreenda que Joanita é uma pessoa que não tem respeito e nenhum respeito pelo pai, vê-se também que não se dobra ao mando masculino.

- Mas isso é café pequeno  
Disse coçando o bigode  
- Se vocês se amam mesmo  
Pedrinho não se incomoda  
Fique calmo, não es quente  
Que o amor tudo pode.

Quando os convidados todos  
Já tinham ido embora  
Pedro não tinha almoçado  
Nem jantado àquela hora  
Esperando que Joanita  
De novo saísse fora.  
(idem, 2013, p. 41).

Pode-se perceber nestes versos, que Joanita continua machucando seu noivo, pela sua atitude impensada, mostrando ser rancorosa, pois apesar do óbvio arrependimento do noivo, ela não cede aos apelos deste, que por ela espera pacientemente. Daí em diante:

Já quase às onze da noite  
Ela veio sorridente  
Bem vestida, bem cheirosa  
Disse:-- Pedro, entre e sente  
Agora vamos matar  
Quem está matando a gente.

Depois que comeram muito  
E beberam guaraná  
Joanita disse:- É tarde,  
O sono me pega já  
Chame o seu amigo e veja  
Se dá certo dormir lá.  
(idem, 2013, p. 41).

Vê-se que Joanita permanece indiferente, age friamente, ou seja, é insensível para com o arrependimento do noivo. Em tom de desprezo, mesmo estando oficialmente casada com um homem que mostra paciência e cautela, ela depois de fazer refeição

---

<sup>3</sup> Pancada desferida com a palma da mão, com o objetivo de desmoralizar a pessoa que é atingida. Acessado em : <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

junto com ele, ironicamente o orienta a pedir dormida na casa do amigo. É como se com o convite para a refeição desse a entender que aos poucos ela estava cedendo e mudando de opinião, mas tudo era continuação da vingança. Decorre disso a confirmação de que Joanita é uma mulher insensível.

Pedro já ia saindo  
 Joanita falou: -- Decente!  
 No sábado de hoje a oito  
 Volte aqui novamente  
 Que é pra gente resolver  
 A vida daqui pra frente.  
 (idem, 2013, p. 40)

A continuação ainda da vingança se confirma quando ela grita que só em oito dias é que eles terão a vida de casados, indicando que o “castigo” para o noivo ainda vai demorar. Todavia, isso mostra também que a moça deixa-se levar pelos apelos do coração, cedendo lentamente aos seus anseios do mesmo e contradizendo o que disse no caminho de volta do casamento: “Não lhe quero mais”.

Ele disse: -- Isso tudo  
 Vou ter que ainda esperar  
 Pensei que logo amanhã  
 A gente ia arrumar  
 Nossas coisas na casinha  
 Onde nós vamos morar!

-- É assim, disse Joanita  
 Não tem pra que se vexar  
 Se der certo, a vida inteira  
 Juntos nós vamos morar  
 Mas se não der, outro rumo  
 A gente tem que tomar.  
 (idem, 2013, p. 42).

Joanita retoma a sua indiferença, como se não se importasse se o seu casamento aconteceria ou não, se daria certo ou não, manifestando declaradamente a incerteza do que realmente ela quer. Isso suscita a ideia de que essa mulher realmente não se comporta de maneira que se encaixe no que convencionalmente se espera da delicadeza de uma mulher que se realiza com o matrimônio. Depois disso, veja-se o que aconteceu:

Após falar isso, entrou  
Pro quarto naquele instante  
Pedro saiu como o amigo  
Com abatido semblante  
Até à casa do mesmo  
Que era um pouco distante.

Passava da meia noite  
Ele cheio de fadiga  
Estava chegando à casa  
Daquela pessoa amiga  
Com vários calos nos pés  
E forte dor de barriga.

Até amanhecer o dia  
Nenhum cochilo ele deu  
Chamou então o amigo  
E por tudo agradeceu  
Depois seguiu para o Saco  
Onde mora um irmão seu.

No dia seguinte foi  
Por uma estrada esquisita  
Direto à casa dos pais  
Seu Inácio e Dona Rita  
E o juízo, o tempo todo  
Encasquetado em Joanita.

Mas ali foi descansando  
E aos poucos melhorou  
Pelo final da semana  
Com paciência esperou  
No sábado logo cedinho  
Lá na Fortuna chegou.

O reencontro dos dois  
Foi só de felicidade  
Abraçaram-se, beijaram-se  
Naquela oportunidade  
Compensando aqueles dias  
De ausência e de saudade.

Do dia do casamento  
Aquela raiva acabou-se  
Das malquerenças que houve  
Um ao outro desculpou-se  
A vida dali em diante  
Começaram a ficar doce.

Ali ficaram morando  
Mesmo com pouca estrutura  
Mas dispostos enfrentavam  
A realidade dura  
Buscando a sobrevivência  
Nas lutas da agricultura.

Na Fortuna, os cinco filhos  
 Nasceram e foram criados  
 Mas dali saíram e moram  
 Em lugares afastados  
 Enquanto Pedro e Joanita  
 Lá estão aposentados.  
 (idem, 2013, p. 44).

Nesta penúltima estrofe, mostra-nos resultados significativos e positivos que fluíram desse enlace matrimonial, Joanita e Pedro Pimpão, unidos, direcionam o olhar para outro extremo do que a mulher vinha mostrando ser durante o poema. Sua vingança e valentia, contornados de uma aparente insensibilidade, são apaziguadas, se não diluídas, diante do amor, pois “Aquele raiva acabou-se”. Com um casamento feliz e muitos filhos para criar, Joanita mostra que é uma mulher passiva diante de situações que a agradam, mas que o contrário ocorre em meio a questões lhe desgostam. É como se ela mostrasse que sendo agradada é doce e passiva, sendo desagradada é “olho por olho, dente por dente”. Por fim,

Energia, água encanada  
 Isso é mais que cem por cento  
 Para um casal que vivia  
 Enfrentando sofrimento  
 Hoje ali os dois apenas  
 às vezes lembram as cenas  
 (idem, 2013, p. 44).

Fecha-se então última estrofe do poema, em que conclui-se a imagem de Joanita como que oscilando diante de seu humor. Ela pode ser passiva e doce, como também pode ser agressiva, vai depender de como ela se sente perante os acontecimentos. Como os versos mostram uma vida sossegada, pressupõe-se com o “castigo” foi suficiente para Pedro nunca mais “aprontar” com a esposa.

Passando para o segundo poema selecionado para análise, *Elas Merecem* é um poema que, no título, já traz um arde exaltação a figura feminina, referenciando-a com numerosos termos e méritos simbólicos, que enaltecem “uma mulher” a fim de que sejam reconhecida pelos seus méritos no meio em que ela se encontra inserida.

Elas merecem aplausos  
 E efetivas mensagens  
 Abraços e elogios

Carinhosas Homenagens  
 Saraus, bailes e serestas  
 Contendo em todas as festas  
 Atrações especiais  
 Por seus autênticos valores  
 Aclamações e louvores  
**Tudo isso e muito mais.**  
 (ASSIS, 2013, p. 60).

O poema II, de princípio observa-se o uso de numerosos adjetivos aclamados para “Elas”, pronome notoriamente expressivo quando constitui-se na terceira pessoa do plural para designar que não se trata de uma mulher definida, mas da valorização da mulher na sociedade, que merece reconhecimento, aspecto que será tratado em praticamente todos os versos.

Elas merecem respeito  
 reverência e amizade  
 Por tudo que sempre fazem  
 No lar, na sociedade  
 Pelo brilho do seu ser  
 São dignas de merecer  
 Festins sensacionais  
 Cultos e celebrações  
 Belas comemorações  
**Tudo isso e muito mais.**

Elas merecem de todos  
 Confiança e atenção  
 Amor, reconhecimento  
 Acolhida e gratidão  
 Porque no ventre fecundo  
 Guardam e trazem ao mundo  
 As vidas essenciais  
 Todas as mulheres mães  
 Merecem ter muitos fãs  
**Tudo isso e muito mais.**

Elas merecem dos homens  
 Não só peças de mobília  
 Mas todo apoio por serem  
 As guardiães da família  
 Muitas que sofreram baques  
 Superaram e são destaques  
 Nas conquistas sociais  
 Por tudo que elas são  
 Querem valorização  
**Tudo isso e muito mais.**

Elas merecem de fato  
 Serem bem reconhecidas  
 Por provarem ser capazes

Nas lutas desenvolvidas  
 Organizadas, prudentes  
 Ativas, inteligentes  
 Aos homens são iguais  
 Se estão sempre crescendo  
 Continuam merecendo  
**Tudo isso e muito mais.**

Domésticas, agricultoras  
 Médicas e comerciárias  
 Costureiras, professoras  
 Advogadas, bancárias  
 Cabeleireiras, frentistas  
 Sacoleiras e artistas  
 Atletas, policiais  
 As que estão nos três poderes  
 Merecem por seu deveres  
**Tudo isso e muito mais.**  
 (idem, 2013, p. 61).

Adentrando-se nessas rimas, o poeta dedica méritos às mulheres, como respeito, consideração, veneração, dentre outros que qualificam aquelas que merecem “tudo isso e muito mais”, propondo assim, através das suas rimas o reconhecimento da figura da mulher enaltecida.

Evidencia-se nitidamente, na segunda estrofe, que o poeta continua a aclamar a proposição da veneração “Elas” que merecem. Nota-se que a utilização de adjetivos é para extrair algo mais profundo e subjetivo, como sugestões de possibilidades de uma elevação autêntica. Além disso, o enaltecimento é indicado que seja publicamente, que elas sejam celebradas, cultuadas e isso ainda não é tudo, pois merecem muito mais.

A terceira estrofe exalta a condição de mãe e progenitora, mas não traz uma ideia de mulher que está submetida à maternidade, porém ao fato de as mesmas devem ser acolhidas, a quem se deve gratidão, de quem se deve ser fã, elevando a mulher, sob a condição de mãe, a uma superioridade que deve ser reconhecida.

O poema também faz um apelo aos homens para que elas não sejam apenas esposa cuidadosa do lar, por isso não merecem apenas mobília, mas o reconhecimento de sua superação nas conquistas sociais. O poeta vê, então, uma mulher moderna, de lutas histórias para hoje estar na sociedade cada vez mais conquistando seu espaço e alargando seus pais além dos afazeres domésticos. Pode-se ver que este poema é muito elucidativo quando o autor evoca e explicito desejo de que a mulher seja valorizada, reconhecida, é merecedora por seus próprios méritos.

Na penúltima estrofe há uma concepção de igualdade de gêneros, principalmente no sétimo verso desta estrofe, quando diz, “Aos homens são iguais”, dando a compreender que a mulher seja reconhecida e valorizada igualmente ao homem, que ela tem inteligência e capacidade de modo que pode ser, de maneira igualitária, comparada ao homem.

O final do poema, como ele todo, permanece se fazendo a própria valorização feminina, mas ressaltando que tal exaltação deve ser feita independente do cargo ou profissão que elas ocupam. No primeiro verso são referenciadas classes de mulheres ainda discriminadas pela sociedade, “Doméstica e agricultoras”, dando sequência com outras diversas profissões até chegar no último que destaca as mulheres nos três poderes – executivo, legislativo e judiciário – mostrando que a mulher pode ocupar o lugar de rainha do lar, mas pode também sair dele e desempenhar papéis no mercado de trabalho porque ela tem capacidade para isso.

O poema seguinte a ser estudado “Mesmo assim eu sou feliz”, é harmonizado por um mote em que o poeta busca caracterizar fatos de uma história de circunstâncias ruins, mas sentindo felicidade.

Do que a vida queria oferecer  
 Bons momentos de glória eu vivi  
 Mas foi quando a um assalto eu reagi  
 Que daí começou o meu sofrer  
 Baleado e já certo de morrer  
 Não morri dessa vez que Deus não quis  
 Escapei da tragédia por um triz  
 Paraplégico fiquei dali por diante  
 Sei que enquanto viver sou cadeirante  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**  
 (ASSIS, 2013, p. 82).

Tive um bom patrimônio financeiro  
 Era dono de um supermercado  
 Vendi muito em varejo e atacado  
 Isso fez eu ganhar muito dinheiro  
 Mas depois o fracasso veio ligeiro  
 De encontro ao progresso que eu fiz  
 Por uma quebradeira infeliz  
 Quase de supetão fui atingido  
 Sem dinheiro, sem crédito, estou falido  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**

Inventei de casar mas não deu certo  
 Só me trouxe uma crise turbulenta  
 A mulher era muito ciumenta

Ela braba ninguém chegava perto  
 Era o forno do inferno descoberto  
 Andar junto comigo nunca quis  
 Com um cara de lá de Janduís  
 A danada engrenou-se num xodó  
 Foi embora com ele, eu fiquei só  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**  
 (idem, 2013, p. 83).

O eu poético traz características da figura feminina a que ele se refere, com a qual se casou. Uma mulher muito ciumenta, braba, que ninguém chegava perto dela, pois “era o forno do inferno descoberto”. Pode-se dizer então que a mesma trazia consigo a dureza que intimidava e que até afastava, já que “ninguém chegava perto”. O curioso é que esta mulher tão ciumenta decide deixar seu marido, e sai de casa a procura da felicidade com outro companheiro, daí que o novo xodó<sup>4</sup> com quem engrenou-se comunga com a ideia de “danada<sup>5</sup>” que o poeta lhe atribui.

Nota-se que o eu lírico mostra-se ser apático e quase que inativo para com sua esposa, como se estivesse apenas conformado tanto com a situação de ciúme exagerado da mulher, quanto com o fato de ser sido deixado e “trocado” por um xodó em Janduís. Essa frieza ou inatividade pode-se dizer, é resultado, talvez, da postura da mulher ciumenta que, ao mesmo tempo, “Andar comigo nunca quis”. Daí vê-se que era uma mulher permeada de incertezas, de sentimentos de fúria comparados ao ardor do inferno, a qual incitava uma espécie de medo nas pessoas, tornando-se uma mulher brava pela dureza, mas também entregue às aventuras amorosas.

Mesmo ciumenta e brava, ela se doa a outro companheiro, a um outro xodó, com isso segue e não olha para trás, levantando uma possibilidade de que o ciúme que ela sentia pelo seu marido nunca foi por amor, mas sim por prazeres momentâneos, já que na vida conjugal não pareciam companheiros íntimos, pois nem andavam juntos. Mas, mediante a tudo isso, mesmo assim o eu lírico ainda sente-se feliz.

---

<sup>4</sup> Aquele ou aquilo que, por laços afetivos, é posto em posição favorável. Acessado em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

<sup>5</sup> Sábia, esperta, perspicaz. Acessado em <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

Fiquei brabo outro dia como um lobo  
 Por ser preso e taxado de bandido  
 Só porque era muito parecido  
 Com o cara que tinha feito um roubo  
 Tão desorientado igual um bobo  
 Pelas as acusações tão imbecis  
 Esperando um despacho do juiz  
 Há dois meses estou nesse sofrer  
 Na cadeia pegando sem dever  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**

Meio século sofri na agricultura  
 Dando duro nas lutas do roçado  
 Mãos calosas da foice e do machado  
 E da enxada rapando terra dura  
 Muitas vezes não tinha rapadura  
 Pra adoçar o café dos meus guris  
 Esquecido dos chefes do país  
 Hoje resta de tudo que eu fazia  
 Uma magra aposentadoria  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**

Fui brincar carnaval em Caicó  
 Na folia do bloco do Magão  
 Vejam quem encontrei no arrastão  
 A mais linda mulher do Seridó  
 Ela vendo que eu estava só  
 Abraçou-me, eu quis ela, ela me quis  
 Muito bêbado não vi que a infeliz  
 Era um macho estragando o meu prazer  
 Só no fim dos três dias vim saber  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**

Sendo eu torcedor apaixonado  
 Acompanho o meu time aonde vai  
 Mas da quarta divisão ele não sai  
 Está sendo o pior de todo estado  
 Com seus baques eu sofro conformado  
 Lamentar o fracasso eu nunca quis  
 Vejo seu desempenho infeliz  
 Que apesar do reforço dos contratos  
 É lanterna em seis campeonatos  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**

Há três dias lá em casa não tem nada  
 Cem reais que ganhei não recebi  
 Fazer feira, mas nunca consegui  
 Tenho a conta na venda ultrapassada  
 A esposa reclama revoltada  
 Pela compra de carne que eu não fiz  
 Vendo o choro irritante dos guris  
 Vou tentando fugir do alvoroço  
 Sem ter nenhuma prata no meu bolso  
**Mesmo assim eu ainda sou feliz.**  
 (idem, 2013, p. 85).

Nesses versos é de imediato possível ver a crise que se instala na família, pois uma nova esposa aparece, mas diferentemente da anterior entregue às aventuras, esta de agora “Reclama revoltada/ Pela falta de carne / Pelo o choro irritante dos guris”. Esta mulher por um lado, é a dona de casa que pede ao esposo o suprimento das necessidades da casa, mostrando ser a mulher do lar, voltada às atividades doméstica e dependente do marido. Por outro lado, ao reclamar o choro do filho, ela mostra também não ter só para ela a responsabilidade de acalantar a criança. Isso pode reportar para a uma reclamação de igualdade nas obrigações dentro de casa, mas mesmo assim, enfrentando tamanha situação, ele ainda sente-se feliz.

Tem-se a figura feminina de uma mulher revoltada com a trágica crise financeira que afeta num todo, o seu lar, que ora coloca sobre os ombros de esposo uma dependência, como a de suprimentos da casa, que ora o adverte sobre a divisão de tarefas do lar.

Mesmo com um casório fracassado  
 Mesmo estando em estado de falência  
 Mesmo vendo a família em decadência  
 Mesmo por travesti sendo enganado  
 Mesmo preso, inocente, injustiçado  
 Mesmo tendo escapado por um triz  
 Mesmo nunca apagando a cicatriz  
 Mesmo sem me livrar do que é ruim  
 Mesmo o mundo caindo sobre mim  
**Eu não posso deixar de ser feliz.**  
 (idem, 2013, p. 85).

O autor conclui fazendo uma retomada sintetizando os fatos descritos nas oito estrofes, expressando tudo que passou na sua vida, mas, mesmo mediante a tudo que passou, mesmo assim ele ainda sente-se feliz.

O poema a ser analisado agora é “Não fuja da sua cruz”, de estilo simples, composto por versos rítmicos, também harmonizados por um mote de sete sílabas, em que o autor destaca em negrito a ideia centralizada que intitula o poema.

Encare a realidade  
 Com firmeza e consciência  
 Enfrente a dificuldade  
 Sem perder a paciência  
 Não recue ante os dilemas  
 Ao enfrentar os problemas

Lembre o que disse Jesus  
Para quem quis lhe ouvir  
Se alguém que me seguir  
**Não fuja da sua cruz.**

Na vida se faz presente  
O prazer, o sofrimento  
Sobre essas coisas, a gente  
Deve ter entendimento  
Para não desesperar-se  
Na hora em que encontrar-se  
Distanciado da luz  
Procure uma solução  
Mesmo na escuridão  
**Não fuja da sua cruz.**

Procure ser realista  
Atento e determinado  
Se o abismo está à vista  
Não permaneça assombrado  
Ponha em Deus a confiança  
Alimente a esperança  
De que a fé o conduz  
Na difícil trajetória  
Se deseja ter vitória  
**Não fuja da sua cruz**

Se a cruz está pesada  
Na hora de carregá-la  
Ao longo da caminhada  
Só você deve levá-la  
Quando o peso se agiganta  
A fuga não adianta  
Siga em busca de uma luz  
Que lhe tire do que é ruim  
Seja firme até o fim  
**Não fuja da sua cruz.**

Um casal que sai dos trilhos  
O marido vai embora  
Fica a mulher com os filhos  
Ela é mãe e pai agora  
Em uma extrema pobreza  
às vezes só tem na mesa  
A farofa de cuscuz  
Mãe, não perca as esperanças  
Nunca despreze as crianças  
**Não fuja da sua cruz.**

Um pai sofre e tem vergonha  
que o filho não se domina  
Viciado na maconha  
No crack e na cocaína  
Chora ao vê-lo na cadeia  
Com hematomas de peia

Ferindo seus braços nus  
 Pai, lute desde o início  
 Pra libertá-lo do vício  
**Não fuja da sua cruz.**  
 (idem, 2013, p. 92-93).

Na penúltima estrofe, o autor inicia caracterizando, no terceiro ao quarto versos, uma figura feminina que fica “com os filhos/ Ela é mãe e pai agora”. A situação que o poema traz é a ideia de “casal que sai dos trilhos” ou seja, como ele procede dizendo que o marido vai embora, parece ser uma questão de adultério. Nesse contexto, a mulher “é pai e mãe agora / em uma extrema pobreza”, mostrando o pulso forte da mulher que assume os dois papéis na criação dos filhos e no sustento da casa que só tem “A farofa de cuscuz”. Reconhecendo o valor da mulher também nesta situação, o eu poético lhe incentiva uma mulher a não desistir, pois agora ela é quem direciona todas as responsabilidades da família. Sequenciando, no oitavo verso, o eu poético, reanima esta mulher a ter esperanças: “Mãe, não perca as esperanças”, dando a entender que esta mulher diante da tamanha situação, estava sentindo-se desanimada, mas tinha de levar a sua cruz.

Os versos em negrito, “Não fuja da sua cruz” relaciona a uma referência bíblica, quando ele cita o versículo com suas palavras, o que Jesus disse no evangelho de São Marcos, capítulo 8 e versículo 34: “E chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me”. Compreende-se que, “negar-se a si mesmo” significa viver uma vida de renúncia. Sendo assim, ao dizer isso também à mulher que é mãe e pai ao mesmo tempo, o poeta revela sua concepção de que ela deve renunciar suas vontades, ao contrário do que fez seu marido, “saindo dos trilhos” e entregando às vontades próprias.

Esta mulher é uma mulher de renúncia em virtude da dependência dos filhos e do sustento da casa.

Salienta-se que, quando alguém se disponibiliza a usufruir dos direitos e, mais que isso, dos prazeres, das vontades e das realizações pessoais, para servir àqueles que necessitam de nossa ajuda sem chamar a atenção do eu é algo difícil. No texto, isso parece ser incentivado à mulher mediante o seu papel de mãe, como se este papel fosse a grande força para conseguir sua renúncia, para conseguir levar a sua cruz e exercer

seus papéis de mãe, de pai, de sustentadora do lar e ajudar a carregar os fardos dos outros.

Passa-se agora ao estudo do poema “O radinho de Lola”. Nesse texto evidencia-se a configuração de um diálogo entre um casal, uma discussão entre marido e mulher bastante engraçada.

Tantos meios avançados  
 Fazem comunicações  
 Mesmo assim ainda há gente  
 Com poucas informações  
 Que de tudo está por fora  
 Essas coisas ignora  
 Isso não lhe satisfaz  
 É até um contratempo  
 Quem é assim vive um tempo  
 De trinta anos atrás.  
 (ASSIS, 2013, p. 109 - 112).

Um desses poucos é Lola  
 O filho de se Oscar  
 Que não acessa internet  
 Nem TV gosta de olhar  
 Celular ele não tem  
 Câmera digital também  
 Não quer ver na sua trilha  
 Só o que lhe atraiu  
 Ele logo adquiriu  
 Foi um radinho de pilha.

Mas Lola ainda com rádio  
 Não era acostumado  
 Disse ao vendedor:- Eu quero  
 Que me entregue ele ligado  
 Quando pra casa voltava  
 o radinho não parava  
 De tocar e de falar  
 E Lola feliz na vinda  
 Sem saber do rádio ainda  
 Ligar e nem desligar.

Ia pro sítio bem ancho  
 Como quem ganhou na loto  
 E o rádio barulhando  
 No bagageiro da moto  
 Cheio de ansiedade  
 Mostrou logo a novidade  
 Pra sua esposa Lilia  
 Em casa esperando ele  
 Mas também do jeito dele  
 De rádio nada entendia.

Nos abalos da viagem  
 O som do rádio aumentou  
 E depois de algumas horas  
 A zuada incomodou  
 Como não tinham costume  
 Nem abaixar o volume  
 Nenhum dos dois conseguia  
 O barulho a tarde inteira  
 Já tava dando zonzeira  
 Na cabeça de Lilia.  
 (idem, 2013, p. 111).

Neste conjunto de versos, configura-se a figura de uma mulher da zona rural, esposa e dona, de casa à espera do marido. O último verso transcrito traz a presença marcante da identidade feminina. Percebe-se que o autor se expressa com clareza, quando no oitavo verso diz que, “O barulho do rádio a tarde inteira / já tava dando zonzeira / Na cabeça de Lilia” que Lilia estava impaciente com a barulhada do rádio a tarde inteira. O barulho do rádio a caracteriza como impaciente, o que faz pensar que tal impaciência pode ter origem por sua falta de contato com meios de comunicação, já que o poema relata que este era a única mídia na casa de Lilia.

Continuando o texto:

Era uma só emissora  
 que estava sintonizada  
 Depois das nove da noite  
 Não escutavam mais nada  
 Arruinou a sintonia  
 Com a onda que fugia  
 Começou a misturar  
 Muitas falas de uma vez  
 Mas um balançado fez  
 O som do rádio limpar.

Um programa saudosista  
 Estava iniciando  
 Só tocava música brega  
 E os dois apreciando  
 Quando o locutor falava  
 Vez por outra recitava  
 Uns poemas de Amazan  
 Sem ver o tempo passar  
 Quando foram se deitar  
 Era uma da manhã.

Quando o radinho acabou  
 O brega e a roedeira  
 Passou mais de hora e meia

Tocando música estrangeira  
 Eles sem dormirem nada  
 Lilia muito enfezada  
 Levantou-se e foi pra sala  
 E irritada dizia:  
 - Vai amanhecer o dia  
 E esse peste não se cala.  
 (idem, 2013, p. 112).

O casal estava lado a lado, ele apreciando a programação no rádio, ela esperando que esta finalmente acabasse. Lilia tenta ser companheira, mesmo incomodada com o barulho da programação e das músicas. Apesar da tentativa de companheirismo no sossego na noite, a mulher se modifica, fica enfezada<sup>6</sup>, aborrecida pelo fato de nenhum dos dois conseguirem controlar o rádio e desligá-lo. Vê-se que configura-se a um perfil de mulher contrariada por não conseguir exercer um controle tecnológico que parece simples, mas para ela se trata de um bom desconhecido.

Esse casal que vivia  
 Tão unido, sem intriga  
 Por causa do tal radinho  
 Surgiu a primeira briga  
 Lilia ficou tão brava  
 Lola que não esperava  
 Levou dela um safanão  
 E o rádio só parou  
 Porque Lilia o quebrou  
 Jogando os cacos no chão.  
 (idem, 2013, p. 112).

Neste conjunto de versos, trava-se uma discussão entre o casal, nota-se isso do quarto verso em diante, quando “Lilia ficou tão brava”, que deu um safanão<sup>7</sup> em seu marido, e depois quebrou o rádio. Entende-se que Lilia era uma mulher insubordinada, isso é nítido, pois expressa-se que ela não aceitava ordens que lhe eram impostas, a ordem, nesse caso, era da falta de controle para desligar o rádio. Ela não se sujeitou ao aparelho e aos gostos do esposo de querer ouvir programações inteiras. Vale dizer, então, que ela se mostra tanto ignorante com relação ao aparelho, quanto com o esposo.

Para finalizar:

<sup>6</sup> Que irritava, zangava. Acessado em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

<sup>7</sup> Tapa. Acessado em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

Lola nervoso gritou:  
 - Ô mulher braba do cão!  
 Eu vou comprar outro rádio!  
 Ela disse:- Não vai não!  
 E dele abanou o queixo  
 - Se comprar outro eu te deixo  
 Escolha o que você quer  
 Lola respondeu baixinho:  
 - Melhor perder o radinho  
 Do que perder a mulher!  
 (idem, 2013, p. 112).

O poeta declara nitidamente a personalidade de Lilia com a exclamação: “Ô mulher braba do cão”! Através de que se evidencia uma mulher valente que impõe suas vontades. Ela entrava na luta com o seu marido por igualdade, enfrenta-o recusando as vontades dele em virtude das dela: “E dele abanou o queixo/ – Se comprar outro eu te deixo / Escolha o que você quer”. Veja-se o quanto Lola é submisso a sua esposa Lilia, quando se vê descrito nos dois últimos versos, a resposta que ele dá à condição que a esposa impõe: “Melhor perder o radinho/ Do que perder a mulher”! Mais uma vez é mostrado que Lilia era uma mulher insubmissa. Compreende-se nesses versos o perfil da mulher valente, dominadora e fortemente autêntica no seu jeito autoritário de ser, quando é desagradada ou quando não exerce controle na situação. Controle este buscado nem que seja quebrando o rádio.

Fazendo uma rápida retomada, percebe-se que esse perfil de Lilia relaciona-se com o perfil encontrado no primeiro poema sobre a mulher Joanita, são duas mulheres geniosas, impositivas e, por isso, insubmissas.

De todos os poemas analisados, constata-se que as identidades femininas aqui estudadas passeiam por donas de casas, por insubmissas, valentes, mães lutadoras, entre outros. O que se viu é que, como os versos do autor retratam fatos da vida cotidiana local, as mulheres são descritas de maneira tipicamente interiorana, o que faz pensar que se trata de identidades que, apesar de móveis, estão também ligadas ao lugar de origem.

Nos poemas analisados encontram-se mulheres dos mais variados perfis, cada poema traz um perfil novo. No primeiro poema, “Cenas de um dia marcante”, apresentam-se mulher com perfil de indiferente, com atributos masculinos, designada com características que evidenciam sua braveza e esta não tem medo de expressar o que sente. Já no segundo poema, “Elas merecem”, o poeta fala de diversos tipos de mulheres, demonstrando um incentivo para que haja uma valorização sobre todas elas,

independentemente da classe social a que pertençam, todas merecem respeito, “tudo isso e muito mais”.

O terceiro poema, “Mesmo assim eu sou feliz”, configura-se uma mulher ciumenta com estilo extravagante, uma caracterização que define-se como um Drag queen (homem vestido de mulher) como forma pra mostrar que o universo feminino não se estende apenas as mulheres tidas como natural. No quarto poema “Não fuja da sua cruz”, José Bezerra traça um perfil de uma viúva que assume a função de mãe e pai ao mesmo tempo na família, algo bastante comum na atualidade.

Por último, no poema “O radinho de Lola”, tem-se **uma mulher de zona rural**, dona de casa, dedicada ao marido, uma mulher **impaciente, contrariada com as circunstâncias**, que não resolve as coisas com serenidade, mas parte logo pra atitudes não convenientes ao momento.

Com estas mulheres estudadas, evidencia-se, na obra, a diversidade de identidades que existem na contemporaneidade local em consonância com a evolução e diversidade que têm acontecido e se mostrado na sociedade.

## CONCLUSÃO

No contexto da sociedade contemporânea, um dos aspectos que mais se tem visto em processo de mudanças é o papel construído pela identidade feminina. Tem-se a cada dia assumido um lugar diferente, comparando ao século passado, assunto esse que foi e continua sendo alvo de muitas pesquisas e estudos, pois a força e luta das mulheres tem conquistado diversos espaços.

Considerando a história percorrida pelas mulheres na sociedade e sua autonomia no século XXI, e considerando ainda o contexto em que se vive sobre as identidades móveis e fragmentadas do sujeito descentrado pós-moderno, é que as identidades femininas do livro *Tabuleiro de rimas*, de José Bezerra de Assis, foram analisadas.

As mulheres encontradas e estudadas nos poemas em questão apresenta-se da dona de casa à arrojada, dos mais variados jeitos de ser, entre aquelas que são insubmissas, valentes e opiniosas. Em se tratando de uma obra cuja poesia é popular e fala de cenas e costumes da vida no interior, características como valentes e teimosas, estudadas a partir de acontecimentos contados nos versos interioranos e expressões como “braba”, de “gênio ruim” e “Não tem quem chegue perto”, entende-se que as identidades femininas encontradas caracterizam a mulher sertaneja do interior, a quem são geralmente atribuídas essas expressões, a mulher valente e opiniosa, que mostra insubordinação mesmo diante das situações de dependência familiar.

Diante disso, espera-se que, com essa pesquisa, tenha-se contribuído para os campos de investigação sobre a mulher na literatura, as discussões sobre identidades pós-modernas e, mais que isso, que se tenha valorizado ainda a produção literária contemporânea da cidade de Patu.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Marcelita Pereira. A primeira feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inês de la Cruz. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard. (org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

ASSIS, José Bezerra de. **Tabuleiro de rimas**. Queima-Bucha, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BIBLIOTECA Integrada: **do 1º ao nono ano, médio, concursos, vestibulares/** [editor Cristian Muniz].- São Paulo: PAE-Programa de Assistência ao Estudante, 2013.

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard.(org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

D' INCAO, Maria Ângela. **O Amor Romântico e a família Burguesa**. In: \_\_\_\_\_ (org), Amor e família no Brasil. São Paulo: Contexto, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JULIEN, P. **A feminilidade velada**: aliança conjugal e modernidade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LUCENA, Maria Inês Ghiliard. **Representações do feminino** Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

LUCENA. Maria Inês Ghilardi. Discurso e gênero: uma questão de identidade In. LUCENA. Maria Inês Ghilardi. OLIVEIRA. Francisco. (orgs.) **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

MORAES, Tereza. Escrita: caminho para a emancipação da mulher. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard.(org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PIRES, Vera Lúcia. A identidade do sujeito feminino: uma leitura das desigualdades. In. LUCENA, Maria Inês Ghiliard.(org). **Representações do feminino**. Campinas-SP: Editora Átomo, 2003.

RIOS, Dermalval Ribeiro. **Grande dicionário unificado da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WELZER-LANG, Daniel. **Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.